

SUMÁRIO

1.	A casa do espelho.....	7
2.	O jardim de flores vivas.....	19
3.	Insetos do espelho.....	29
4.	Tarari e Tarará.....	39
5.	Lã e água.....	53
6.	João-Teimoso.....	65
7.	O Leão e o Unicórnio.....	79
8.	“É uma invenção minha!”.....	89
9.	Rainha Alice.....	105
10.	Sacudindo.....	121
11.	Acordando.....	123
12.	Quem sonhou isso?.....	125



CAPÍTULO 1

A CASA DO ESPELHO

Uma coisa era certa: o gatinho *branco* nada tivera a ver com aquilo, a culpa foi toda do gatinho preto. Pois o gatinho branco passara os últimos 15 minutos tendo o rosto lavado pela velha gata (e suportava isso muito bem, apesar de tudo); então você pode ver que *não podia* ter havido o dedo dele naquela travessura.

O modo como Dinah lavava os rostos dos filhos era assim: primeiro ela prendia o coitadinho no chão pelas orelhas com uma pata e, depois, com a outra, esfregava todo o rosto dele, ao contrário, começando pelo focinho. E agora mesmo, como eu disse, ela limpava bem o gatinho branco, que estava deitado sem se mexer e tentando ronronar – sem dúvida com a sensação de que tudo aquilo era para seu próprio bem.

Mas o gatinho preto havia terminado de ser limpo mais cedo naquela tarde e, então, enquanto Alice estava sentada encolhida em um canto da grande poltrona, meio falando consigo mesma e meio dormindo, o gatinho estivera se divertindo muito brincando com o novelo de lã que Alice estivera tentando enrolar e ficara rolando o novelo para cima e para baixo até que ele tornou a se desfazer por completo. E lá

estava o novelo, espalhado pelo tapete da lareira, todo emaranhado e cheio de nós, com o gatinho em meio a ele correndo atrás do próprio rabo.

– Oh, sua criaturinha travessa! – exclamou Alice, pegando o gatinho e dando-lhe um beijinho para que ele entendesse que estava em apuros. – Francamente, a Dinah deveria ter lhe ensinado modos melhores! *Deveria mesmo*, Dinah, você sabe que deveria! – acrescentou, olhando com reprovação para a velha gata e falando com uma voz tão contrariada quanto podia. Em seguida, voltou correndo para a poltrona, levando consigo o gatinho e a lã, e começou a enovelar outra vez. Mas não fez isso muito rápido, pois ficou falando o tempo todo, às vezes com o gatinho e às vezes consigo mesma.

O gatinho ficou sentado muito educadamente no joelho dela, fingindo observar o progresso do enovelamento, e de quando em quando estendia uma pata e delicadamente tocava o novelo, como se fosse ficar contente em ajudar, se pudesse.

– Você sabe que dia é amanhã, Gatinho? – começou Alice. – Você teria adivinhado se tivesse estado na janela comigo, mas não pôde porque a Dinah estava lhe limpando. Eu estava vendo os garotos pegarem gravetos para a fogueira¹, e a fogueira quer muitos gravetos, Gatinho! Só que ficou tão frio, e nevou tanto, que eles tiveram de ir embora. Deixe para lá, Gatinho, amanhã vamos ver a fogueira.

Nesse momento, Alice deu duas ou três voltas com a lã no pescoço do gatinho, só para ver como ele ficaria. Isso provocou uma confusão, com o novelo rolando pelo chão e metros e metros de lã tornando a se desenrolar.

¹ Alice se refere à comemoração da Noite das Fogueiras ou Noite de Guy Fawkes, ocorrida em 5 de novembro de 1605, quando o soldado católico inglês Guy Fawkes, membro da chamada Conspiração da Pólvora, tentou explodir o parlamento inglês e matar o rei protestante Jaime I, da Inglaterra. A data foi instituída no país como uma festividade pela sobrevivência do rei e normalmente conta com fogos de artifício e uma grande fogueira. Entretanto, com o passar do tempo, acabou virando uma festa para malhar Fawkes, com sua máscara sendo queimada nas fogueiras. [N. T.]

– Sabe, fiquei com muita raiva, Gatinho – prosseguiu Alice assim que eles tornaram a se acomodar. – Quando eu vi as travessuras que você estava aprontando, quase cheguei a abrir a janela para lhe deixar na neve! E você teria merecido, seu querido pequeno traquinas! O que tem a dizer em sua defesa? Olhe, não me interrompa! – continuou, com um dedo em riste. – Vou lhe contar todos os seus pecados. Número um: você deu dois gritinhos hoje de manhã enquanto a Dinah lavava o seu rosto. Você não pode negar isso, Gatinho: eu escutei! O que você está dizendo? (Perguntou, fingindo que o gatinho estava falando.) Ela colocou a pata no seu olho? Ora, isso é culpa *sua*, por deixar os olhos abertos; se os tivesse mantido bem fechados, isso não teria acontecido. Agora pare de inventar desculpas e preste atenção! Número dois: você puxou a Floquinho de Neve pelo rabo bem quando eu tinha acabado de colocar o pires de leite diante dela! Ah, você estava com sede, é mesmo? Como sabe que ela também não estava com sede? Agora passemos ao número três: você desenrolou o novelo inteiro enquanto eu estava distraída!

– São três pecados, Gatinho, e você não foi castigado por nenhum. Você sabe que estou acumulando todos os seus castigos para uma semana depois da quarta-feira... Imagine se tivessem acumulado todos os *meus* castigos! – prosseguiu, falando mais consigo mesma do que com o gatinho. – O que *fariam* comigo ao cabo de um ano? Eu seria mandada para a prisão, imagino, quando chegasse o dia. Ou, deixe-me ver, suponhamos que cada castigo fosse ficar sem almoçar: quando chegasse o dia infeliz, eu teria de ficar sem 50 almoços de uma vez só! Bem, acho que não me importaria *tanto assim*! Eu preferiria ficar sem almoçar a comer esses almoços!

– Está ouvindo a neve cair contra as vidraças, Gatinho? Como ela soa agradável e macia! Até parece que tem alguém beijando a janela toda do lado de fora. Eu me pergunto se a neve *ama* as árvores e os campos para beijá-los tão delicadamente assim... E depois ela os cobre bem direitinho com uma manta branca; e talvez diga: “Durmam,

queridos, até que o verão retorne.” E quando eles despertam no verão, Gatinho, se vestem todos de verde e ficam dançando, sempre que o vento sopra. Oh, como isso é bonito! – exclamou Alice, deixando o novelo cair para poder bater palmas. – E eu de fato *desejaria* que isso fosse verdade! Tenho certeza de que a mata parece sonolenta no outono, quando as folhas estão ficando marrons.

– Gatinho, você sabe jogar xadrez? Olhe, não ria, meu querido, estou falando sério. Porque, quando estávamos jogando agorinha mesmo, você ficou observando como se entendesse; e, quando eu disse “Xeque!”, você ronronou! Bem, *foi* um bom xeque, Gatinho, e eu de fato poderia ter vencido, não fosse por aquele desprezível Cavalo, que ficou ziguezagueando por entre as minhas peças. Gatinho, querido, façamos de conta... – E neste ponto eu queria poder lhe dizer metade das coisas que Alice dizia, começando com a expressão favorita dela: “Façamos de conta”. Ela havia tido uma longa discussão com a irmã no dia anterior, tudo porque Alice dissera “Façamos de conta que somos reis e rainhas”, e sua irmã, que gostava de ser muito precisa, argumentara que elas não podiam, porque eram apenas duas, e restara a Alice dizer: “Bem, *voce* pode ser um deles, e eu serei todo o resto”. E, certa vez, Alice de fato assustara sua velha babá ao subitamente gritar no ouvido dela: “Babá! Façamos de conta que eu sou uma hiena faminta e que você é um osso”.

Mas isso está nos distanciando do discurso de Alice para o gatinho.

– Façamos de conta que você é a Rainha Vermelha, Gatinho! Sabe, acho que se você se sentasse e cruzasse os braços, ficaria igualzinho a ela. Agora seja bonzinho e tente! – E Alice tirou a Rainha Vermelha da mesa e colocou-a diante do gatinho para que ele a usasse como modelo a ser imitado. Mas não deu certo, principalmente porque, segundo Alice, o gatinho se recusava a cruzar os braços da forma correta. Então, para castigá-lo, ela colocou-o diante do espelho, para que ele visse como estava emburrado. – E, se você não melhorar essa cara já, vou fazer você passar para a casa do espelho. O que você acharia *disso*?

– Agora, se você ficar só prestando atenção e não falar tanto, Gatinho, vou lhe contar todas as minhas ideias sobre a casa do espelho. Primeiro, tem o cômodo que você consegue ver através do espelho, que é exatamente como nossa sala de estar, só que as coisas estão em lados opostos. Consigo vê-lo todo quando subo em uma cadeira; vejo tudo, menos a parte que fica atrás da lareira. Oh! Como eu queria poder ver *aquele* pedaço! Quero muito saber se eles acendem a lareira no inverno: nunca dá para dizer, a não ser que o fogo produza fumaça, e aí a fumaça sobe por aquele cômodo também. Mas isso pode ser apenas fingimento, só para fazer parecer que a lareira está acesa. Os livros são parecidos com os nossos, só que as palavras estão ao contrário; eu sei disso porque já segurei um livro diante do espelho, e aí eles seguraram outro no outro cômodo.

– Você gostaria de morar na casa do espelho, Gatinho? Será que eles lhe dariam leite lá? Talvez o leite do espelho não seja tão bom de beber... Mas, oh, Gatinho! Agora chegamos ao corredor. Dá para ver uma *nesguinha* do corredor da casa do espelho se você deixar a porta da nossa sala de estar escancarada. E, até onde a vista alcança, ele é muito parecido com o nosso corredor, só que você sabe que ele pode ser muito diferente além desse ponto. Oh, Gatinho! Como seria bom se pudéssemos simplesmente entrar na casa do espelho! Tenho certeza de que tem muitas coisas lindas ali dentro! Façamos de conta que existe um meio de atravessar o espelho e entrar lá de algum modo, Gatinho. Façamos de conta que o espelho ficou todo macio como gaze, para que possamos atravessá-lo. Declaro que agora ele está se tornando uma espécie de névoa! Vai ser fácil o bastante atravessá-lo... – Alice estava sobre a moldura da lareira quando disse isso, apesar de mal saber como havia chegado ali. E inquestionavelmente o espelho *estava* começando a se esvaír, como uma névoa brilhante e prateada.

No instante seguinte, Alice atravessara o espelho e pulara ligeiramente para dentro do cômodo da casa do espelho. A primeira coisa que fez foi ver se a lareira estava acesa e ficou muito satisfeita ao descobrir que de fato havia uma lareira real ali, ardendo em chamas tão intensas quanto as da lareira que ela deixara para trás.

“Então vou ficar tão aquecida aqui quanto no antigo cômodo” – pensou Alice. – “Mais aquecida, na verdade, porque aqui não haverá ninguém para me dar uma bronca por eu estar muito perto do fogo. Oh, como vai ser divertido quando eles me virem aqui através do espelho e não puderem me alcançar!”

Em seguida, ela começou a olhar à sua volta e reparou que o que podia ser visto a partir do cômodo antigo era muito corriqueiro e desinteressante, mas que todo o resto era o mais diferente possível. Por exemplo, os quadros na parede perto da lareira pareciam estar todos vivos, e o próprio relógio sobre a moldura da lareira (você sabe que só consegue ver a parte de trás dele no espelho) adquirira o rosto de um velho, que escancarou um sorriso para ela.

“Eles não mantêm este cômodo tão arrumado quanto o outro” – pensou Alice consigo mesma, à medida que reparava várias peças de xadrez dentro da lareira, entre as brasas. No instante seguinte, com um leve “Oh!” de surpresa, ela estava agachada observando-as. As peças de xadrez estavam caminhando, de duas em duas!

– Aqui estão o Rei Vermelho e a Rainha Vermelha – falou Alice sussurrando, por medo de assustar as peças – e lá estão o Rei Branco e a Rainha Branca sentados na borda da pá. E aqui há duas torres caminhando de braços dados. Não acho que eles possam me ouvir – prosseguiu, à medida que aproximava mais a cabeça do chão – e tenho praticamente certeza de que não podem me ver. Tenho a sensação de ser invisível de algum modo...

Naquele momento, alguma coisa começou a chiar na mesa atrás de Alice e fez com que ela virasse a cabeça bem a tempo de ver um dos Peões Brancos rolar e começar a chutar. Ela o observou com muita curiosidade para saber o que aconteceria em seguida.

– É a voz da minha filha! – exclamou a Rainha Branca à medida que passava apressada ao lado do Rei, tão violentamente que o derribou no chão em meio às brasas. – Minha preciosa Lily! Minha

gatinha imperial! – E ela começou a escalar apressada e violentamente a lateral do guarda-fogo.

– Disparate imperial! – disse o Rei, esfregando o nariz machucado com a queda. Ele tinha o direito de estar *um pouco* irritado com a Rainha, pois estava coberto de cinzas da cabeça aos pés.

Alice estava muito ansiosa em ser útil e, como a pobrezinha da Lily estava quase tendo um ataque de tanto gritar, ela rapidamente pegou a Rainha e colocou-a sobre a mesa, ao lado da filhinha barulhenta dela.

A Rainha arquejou e se sentou: o rápido traslado pelo ar a deixara sem fôlego, e, por um instante ou dois, ela não pôde fazer nada além de abraçar em silêncio a pequena Lily. Assim que havia recobrado um pouco do fôlego, gritou um aviso para o Rei Branco, que estava sentado de cara feia entre as cinzas:

– Cuidado com o vulcão!

– Que vulcão? – perguntou o Rei, olhando para o fogo ansiosamente, como se achasse que ali seria o lugar mais provável para se encontrar um vulcão.

– Ele... Me... Explodiu – ofegou a Rainha, que ainda estava um pouco sem ar. – Venha aqui para cima... Da maneira convencional... Não seja explodido!

Alice observou enquanto o Rei Branco lentamente se esforçava para escalar obstáculo por obstáculo, até que ela, por fim, disse:

– Neste ritmo você vai demorar horas para chegar à mesa. Seria bem melhor se eu lhe ajudasse, não acha? – Mas o Rei não deu atenção à pergunta: era muito claro que ele não podia vê-la ou ouvi-la.

Então Alice o pegou com muito cuidado e o levou até a mesa, mais lentamente do que tinha levado a Rainha, para que não o deixasse sem fôlego. Mas, antes de pousá-lo, Alice pensou em aproveitar para tirar um pouco da poeira dele, pois estava muito coberto de cinzas.

Mais tarde, ela disse que jamais em sua vida tinha visto uma cara como a que o Rei fizera quando se viu sendo erguido no ar por uma mão invisível e, depois, espanado. Ele estava perplexo demais para gritar, mas seus olhos e sua boca foram ficando cada vez maiores e mais redondos, até que Alice riu tanto que sua mão tremeu ao ponto de quase deixar o Rei cair no chão.

– Oh! *Por favor*, não faça essas caretas, meu querido! – ela exclamou, esquecendo completamente que o Rei não conseguia ouvi-la. – Você me faz rir tanto que eu mal consigo segurá-lo! E não fique tão boquiaberto assim! Todas as cinzas vão entrar na sua boca... Pronto, agora acho que você está limpo o bastante! – acrescentou, enquanto ajeitava os cabelos dele e pousava-o na mesa perto da Rainha.

O Rei imediatamente caiu de costas e ficou totalmente imóvel. Alice ficou um tanto preocupada com o que ela mesma fizera e deu uma volta pelo quarto para ver se conseguia encontrar água para jogar nele. No entanto, não encontrou nada além de um tinteiro e, quando voltou com o tinteiro, descobriu que o Rei havia se recuperado e que ele e a Rainha estavam conversando um com o outro, sussurrando de medo – tão baixo que Alice mal podia ouvir o que eles falavam.

O Rei dizia:

– Eu lhe garanto, minha querida, tive calafrios até nas pontas das minhas suíças!

Ao que a Rainha retrucou:

– Você não tem suíças.

– O horror daquele momento – prosseguiu o Rei – eu jamais, *jamais* esquecerei!

– Mas você vai esquecer – replicou a Rainha – se não fizer um memorando sobre isso.

Alice observou com muito interesse quando o Rei tirou um enorme livro de memorandos do bolso e começou a escrever. Um

súbito pensamento lhe ocorreu, e Alice pegou a extremidade do lápis, que ultrapassava bastante o ombro do rei, e começou a escrever para ele.

O pobre Rei pareceu intrigado e infeliz e lutou contra o lápis por algum tempo sem dizer nada; mas Alice era forte demais para ele, e, por fim, ele disse, ofegante:

– Querida! Eu de fato *tenho de* conseguir um lápis mais fino. Não consigo manusear este nem um pouco: ele fica escrevendo várias coisas que eu não quero escrever...

– Que espécie de coisas? – indagou a Rainha, olhando para o livro (no qual Alice havia escrito “*O cavalo está escorregando pelo atijador. Ele se equilibra muito mal*”). – Isso não é um memorando dos seus sentimentos!

Havia um livro na mesa perto de Alice e, enquanto ela observava sentada o Rei Branco (pois estava um pouco ansiosa em relação a ele e pronta para jogar a tinta do tinteiro caso ele tornasse a desmaiar), folheou o livro para encontrar algum trecho que conseguisse ler, “pois o livro está escrito em uma língua que eu desconheço” – disse ela consigo mesma.

O trecho era o seguinte:

ΑΙΥΑΥΑΓΙΛΑ

Οζ μπιμπιβα ε ε σλιολιζο ζο ε σπιμπιβα

Ο ζο μπιμπιβα ε ε σπιμπιβα ε ε σπιμπιβα

Ε ε σπιμπιβα ε ε σπιμπιβα ε ε σπιμπιβα

Ε οζ σπιμπιβα ε ε σπιμπιβα ε ε σπιμπιβα

Ela ficou muito tempo intrigada com aquilo, mas, por fim, teve um pensamento brilhante.

“Ora, é um livro do espelho, é claro! Se eu colocá-lo diante de um espelho, as palavras aparecerão na ordem certa de novo.”

Este foi o poema que Alice leu: